

Nova Friburgo: um perfil histórico-geográfico acerca do quadro socioespacial da região*

Leonardo Azevedo Neves**

RESUMO

O objetivo central deste trabalho é apresentar um breve retrospecto histórico-geográfico acerca do município de Nova Friburgo, presente na região Serrana Fluminense, destacando, para tanto, sua trajetória histórica e todo o conjunto de repercussões sócio-espaciais daí advindas. Para isso retomaremos a história de Nova Friburgo desde sua fundação como uma colônia de suíços ainda no século XIX, o conjunto das atividades mais significativas ali desenvolvidas ao longo do tempo, além de toda a nova dinâmica social resultante

das práticas econômicas vinculadas ao turismo e ao veraneio, que se têm refletido diretamente na organização espacial do próprio município.

Desta forma, este ensaio visa a estabelecer uma perspectiva ampla acerca do processo de evolução econômica e social do município de Nova Friburgo, servindo de base para a elaboração de estudos futuros tanto para ciência geográfica, como para a ciência histórica.

PALAVRAS-CHAVE:

Nova Friburgo; Imigração Suíça; Pluriatividade

77

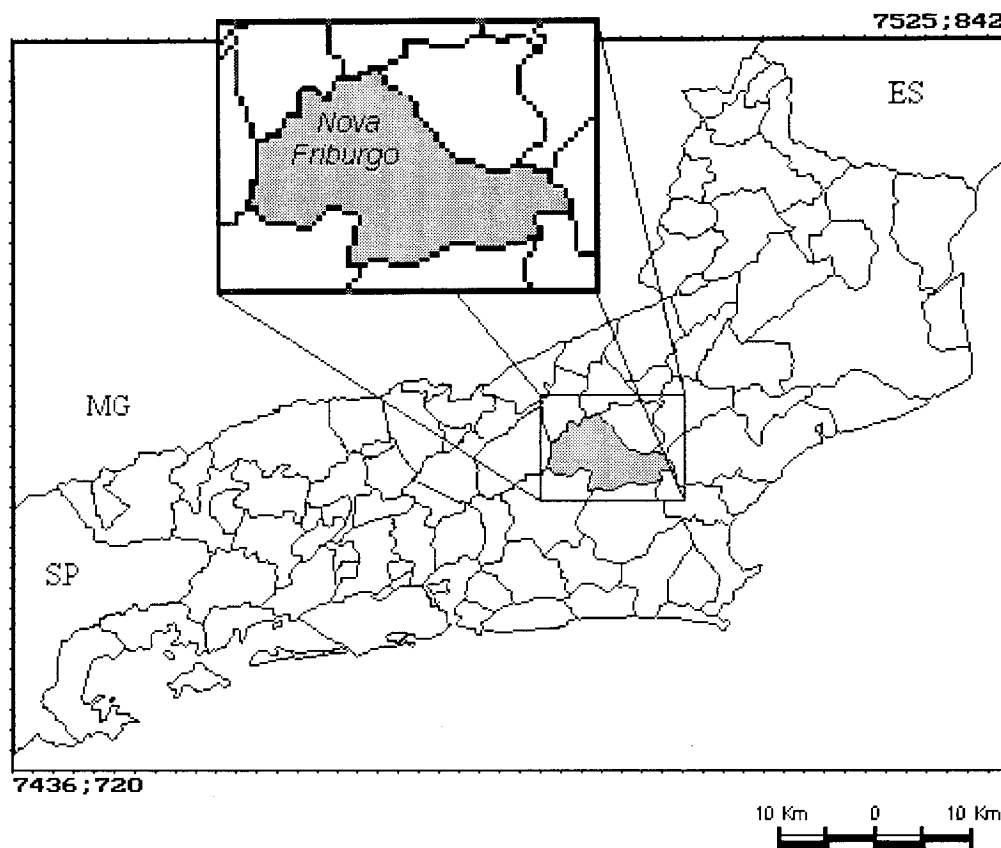
Ao longo dos últimos anos a região do Norte Fluminense no Estado do Rio de Janeiro tem se destacado como um importante alvo para o desenvolvimento de diversos estudos junto às mais variadas ciências. O conjunto de especificidades presentes na localidade, assim como o grau de complexidade presente nas diversas relações ali estabelecidas, acabam conferindo a região um importante papel.

Localizado na região Serrana Fluminense, o município de Nova Friburgo tem em seu clima, bem como em seu histórico de ocupação e populacional, elementos importantes que contribuíram decididamente para o desenvolvimento da região desde sua fundação, como

colônia suíça no início do século XIX, até os dias de hoje.]

1 - UMA COLÔNIA DE SUÍÇOS NO BRASIL

Nova Friburgo foi, no século XIX, uma área de colonização agrícola idealizada por D. João VI que, através de um decreto que data de maio de 1818, autorizou a vinda de cerca de 2.006 (dois mil e seis) imigrantes suíços, oriundos da região do Cantão Friburgo, para ocuparem a fazenda do Morro Queimado (hoje Duas Pedras) no caminho do Cantagalo. [Tal medida visava, principalmente, à criação de uma área de colonização, baseada em pequenas propriedades policultoras, que atenderia ao mercado da cidade do Rio de Janeiro.]



Apesar de serem 2006 (dois mil e seis) os imigrantes suíços que embarcaram em direção ao Brasil, apenas 1607 (mil seiscentos e sete) chegaram à colônia do Cantagalo, no ano de 1820.

Para por em prática este projeto de ocupação, D. João VI nomeou, em 6 de maio de 1818, Monsenhor Pedro Machado de Miranda Malheiros como inspetor da projetada colônia, sendo a ele destinada a função referente à aquisição de terras para a instalação dos imigrantes. Desempenhando assim sua função, Malheiros comprou duas datas de terra, com meia légua de testada cada uma, para a instalação dos colonos suíços, além da sesmaria chamada Morro Queimado, que pertencera a Lourenço Corrêa Dias.

Em 3 de janeiro de 1820, Nova Friburgo recebeu o predicação de vila e obteve o desmembramento de suas terras das de Cantagalo, representando este ato uma clara tentativa de in-

centivo ao trabalho estrangeiro. Em 17 de abril, ainda em 1820, instalou-se a sede da povoação no Morro Queimado.]

Diversas foram as vantagens oferecidas pelo império que atraíram o trabalho imigrante. Destacam-se aqui as despesas de viagem pagas pelo governo, alojamento, terras, isenção do serviço militar e de impostos pessoais e territoriais, bem como o já mencionado livre exercício da religião. Em paralelo, soma-se o fato da Suíça sofrer naquele momento com a ocupação napoleônica, além de um crescente processo de industrialização que já atingia fortemente as alternativas de emprego.

O arranjo espacial da colônia e o direcionamento inicialmente dado ao seu desenvolvimento não contavam com o crescimento urbano do núcleo que serviria como sede da colônia. Após um período de alojamento provisório, os imigrantes, até mesmo aqueles que não eram agri-

cultores, eram todos instalados definitivamente em lotes rurais. Curiosamente, mesmo estando dispersos em tais lotes, o aglomerado da sede foi sempre tratado e designado pelos colonos como *village*.]

[Entretanto, a colônia de suíços vivenciou um conjunto grande de adversidades que acabou comprometendo o projeto de colonização idealizado. As razões para a constituição deste quadro repousam nas difíceis condições de chegada dos colonos, às dificuldades de contato com a cidade do Rio de Janeiro (4 dias de viagem), além da pequena ajuda governamental.] Todos esses fatores justificam o porquê de muitos autores reconhecerem este processo como “fracasso da colonização oficial”. Tal quadro acabou gerando uma saída de imigrantes suíços, em busca de melhores condições de vida, rumo às regiões de Amparo, Lumiar, Rio Grandina e mesmo Cantagalo.

Já em 1823, objetivando reestimar a ocupação da Vila de Nova Friburgo, o governo buscou contratar [imigrantes alemães] para trabalhar em colônias estabelecidas na Bahia desde 1816, nas margens dos rios Caravelas e Viçosa. Por razões desconhecidas estes colonos foram desviados de seu caminho, encontrando seu novo destino em Nova Friburgo, onde chegaram em 3 de maio de 1824.

[Como é possível perceber, desde o momento da sua criação, em 1820, até o ano de 1850, em muito pouco evoluiu a nova colônia, predominando apenas uma pequena produção agrícola em pequenas propriedades, que atendia apenas as próprias famílias e/ ou um pequeno comércio regional.]

Posteriormente, em 1831, cessa o sistema de administração especial da colônia, passando sua jurisdição a ser superintendida pela Câmara da Vila. [Somente em 8 de janeiro de 1890, a partir do Decreto n.º 34, Nova Friburgo teve sua sede elevada à categoria de cidade.]

[A constituição territorial do Município de Nova Friburgo tem seu principal marco espacial

de desenvolvimento no pequeno centro urbano localizado às margens do Rio Bengala, que se chamava Vila de Nova Friburgo. As localidades circunvizinhas caracterizavam-se como uma ampla área rural, constituída pelas regiões de Rio Grande, Lumiar e Terras Frias dentre outras.]

Nova Friburgo contou ainda, ao longo de sua história, com [colonos italianos, portugueses e sírios que contribuíram não somente para o desenvolvimento da cidade segundo uma perspectiva econômico-urbana, mas também como um meio de ampliação do contato do Brasil com um conjunto de tantas outras culturas, marcadas por suas próprias características étnico-religiosas.] E foi exatamente esse direito de exercício da religião que serviu como um atrativo extra ao trabalho imigrante no Brasil.

2 - O DESENVOLVIMENTO DO NÚCLEO URBANO: DO CAFÉ ÀS FÁBRICAS DE TECIDO

[O período após 1850, tido pela historiografia brasileira como um momento de transformações importantes, assinala eventos como o fim do tráfico negreiro, lei de terras, colônias de parcerias, tudo isso aliado à expansão da monocultura cafeeira na região fluminense.] Entretanto, apesar da impossibilidade de vivenciar expressivamente a expansão do café, em função do clima frio, o município de Nova Friburgo não permanece alheio a tais transformações. A Vila acabou assumindo uma importante função como centro irradiador de caminhos em direção à baixada e também ao litoral.]

A vila de Nova Friburgo, era formada então por dois núcleos distintos: o primeiro localizava-se entre os rios Cônego e Santo Antônio, pouco antes de sua confluência nas imediações da Praça Paissandu (atual Praça Marcílio Dias). Este núcleo caracterizava-se por uma praça quadrangular, cercada de edificações destinadas ao alojamento dos colonos, além da Casa da Câmara. O segundo núcleo situava-se na margem direita do Rio Bengala, a jusante da confluência dos rios

Cônego e Santo Antônio, um pouco afastado da margem, junto à planície mais elevada da base da encosta, provavelmente para evitar o problema das cheias. Assim, o segundo núcleo era o mais beneficiado, uma vez que não era atingido por inundações e contava ainda com um fácil abastecimento de água. Ao redor de uma praça alongada (hoje Praça Getúlio Vargas) também havia um conjunto de edificações, destacando-se o “Museu e Colégio” além da casa dos colonos e quintais.

Apesar dos esforços aplicados para que os colonos não se desviassem da agricultura, não foi possível impedir o desenvolvimento de um núcleo urbano. A instalação da vila significou o rompimento do isolamento de outrora e os entraves que surgiram impedindo o progresso e negando a estabilidade da ocupação agrícola asseguraram a expansão do aglomerado urbano. Assim a colônia de Nova Friburgo, estrategicamente planejada, não correspondeu às expectativas.

[Diversas foram as causas atribuídas ao fracasso do processo de colonização que visava ao desenvolvimento agrícola da região a partir da mão-de-obra imigrante. As terras em que foi fundada a colônia de Nova Friburgo eram muito frias além de possuírem um relevo montanhoso, com muitos vales estreitos e poucas áreas planas, onde predominam solos rasos e inclinados que pouco favorecem o cultivo do café. Eram áreas propícias ao cultivo de hortaliças e flores, que viriam a atender a demanda da capital fluminense,]

no entanto, na forma como se organiza o aproveitamento agrícola da terra de Nova Friburgo que se torna mais patente a influência da grande área urbana centralizada pelo Rio de Janeiro, com sua numerosíssima população consumidora. As necessidades de abastecimento dos habitantes citadinos em legumes, verduras, frutas e ainda flores, fizeram desenvolver-se nas zonas serranas fluminenses em geral, e particularmente, na de N. Friburgo uma de

suas fornecedoras mais próximas (Keller, 1958, p.50)

[As condições climáticas favoráveis e as possibilidades de fácil circulação desses gêneros perecíveis explicam o assentamento dessas atividades nas regiões que circundavam o sítio urbano de Nova Friburgo.]

É importante salientar que, ainda em 1850, a população já necessitava de determinados produtos que, segundo seu peso, volume e baixo custo, não compensavam serem trazidos da capital fluminense. Tal quadro acabou estimulando a produção local e a cada vez maior autonomia da região, resultando posteriormente no desenvolvimento mais acentuado de seu setor urbano.

[O café acabou sendo cultivado em áreas de menor altitude e mais para o interior.] Tratava-se do café Java, plantado inicialmente em Macaé de Cima, onde não resistiu, sendo, em seguida, implantado no distrito de Amparo, por Jorge Gripp (colono de origem suíça) que acabou tornando-se o maior plantador de café de toda a região. Todos os latifúndios fluminenses deste plantador foram conquistados pelo Java e mais tarde também as lavouras paulistas.

Muitos foram os colonos desde então atraídos para o interior (Amparo, Bom Jardim, Cordeiro e Cantagalo) devido à fácil riqueza oferecida pela lavoura cafeeira.

É importante destacar que o município de Nova Friburgo não era basicamente cafeeiro, mas, até certo ponto, pertencia à região do Cantagalo com quem mantinha estreitos vínculos sócio-econômicos. Dessa maneira, a prosperidade e a crise cafeeira a afetaram sensivelmente. A primeira, estimulando sua produção de subsistência, suas escolas, seu comércio, sua indústria de construção civil, e facilitando, também, sua comunicação com os demais municípios e com a Capital Federal, através da estrada de ferro. A segunda, afetando o ritmo desta dinâmica, ainda que a base de vida do município continuasse sendo o

comércio regional, pelos hotéis e colégios que aí haviam se instalado. Nova Friburgo abrigou ainda homens oriundos dos municípios cafeeiros, que ali exerciam as mais diversas atividades, tanto urbanas como rurais. (Miranda, 1981)

[Com o passar do tempo, já em fins do século XIX, Nova Friburgo começa a esboçar as características que viriam a marcá-la tão fortemente. O clima ameno, propício ao repouso e à prática do veraneio, a ausência de doenças que assolavam o Rio de Janeiro, como a febre amarela, bem como uma crescente valorização do caráter educacional na região se configuram como atrativos importantes ao desenvolvimento da região.] A presença do Colégio Freeze, dedicado à educação e marcado pela presença de elementos europeus de nível cultural relativamente elevados, fez com que famílias de posses no Rio de Janeiro, assim como os filhos dos Barões do Café, passassem a dar preferência aos colégios de Nova Friburgo.

[Foi o posicionamento geográfico que condicionou o desenvolvimento da cidade de Nova Friburgo ao longo do século XIX, principalmente em virtude de sua proximidade com a rica zona Cafeeira do Cantagalo que em meados do século alcançou seu apogeu. O surto cafeeiro foi de grande importância para o desenvolvimento de Nova Friburgo, mesmo que não diretamente, devido ao fato de ter-se ampliado significativamente o movimento de tropas pela cidade, todas vindas da região do Cantagalo, estabelecendo assim um amplo movimento comercial na cidade e permitindo aos colonos que lá viviam negociar os gêneros de sua lavoura.]

Assim, ao longo do século XIX, o município de Nova Friburgo consolidou-se como uma região de pequenas propriedades produtoras de gêneros de subsistência, estabelecendo ainda com a região do Cantagalo uma relação ampla e dialética. Assinala-se aqui o fornecimento de homens e alimentos às áreas cafeeiras do Cantagalo, o que estimulou a produção, o comércio e assim, a urbanização de Nova Friburgo. Afinal,

uma boa parcela das fortunas adquiridas através do café foram investidas em Nova Friburgo na construção de residências de veraneio e de estabelecimentos comerciais, nos meios de comunicação e em pequenas indústrias ligadas à construção civil.

[Entretanto, foi a construção da estrada de ferro do Cantagalo, inaugurada em 1873, que contribuiu, de forma decisiva, para um aumento do fluxo populacional para a cidade de Nova Friburgo, estabelecendo de forma mais clara a função de veraneio, até então modesta, na localidade. A partir deste momento, a atividade de veraneio tomou um grande impulso na região, redefinindo, definitivamente, sua funcionalidade.]

O grande incentivador da Construção da Estrada de Ferro, que deveria ligar Niterói a Cantagalo, foi o 1º Barão de Nova Friburgo: Clemente Pinto Sobrinho. A Estrada de Ferro seria a solução óbvia para o transporte do café e o escoamento da produção agrícola da região rumo à capital fluminense, que passou a ser feito em apenas quatro horas.

A ferrovia chegou à serra num momento em que a produção do café estava no auge, atingindo mesmo o limite de suas possibilidades, face aos problemas que enfrentava de esgotamento das reservas naturais e da força de trabalho. A ferrovia adiará as grandes falências (...) permitindo por mais alguns anos o aproveitamento da economia fluminense na ordem capitalista internacional. (Cadernos culturais, 1988, p.63)

O último quartel do século XIX trouxe momentos difíceis para o setor cafeeiro de economia fluminense, mas decisivos para o desenvolvimento fabril do Rio de Janeiro que se tornava o mais importante centro industrial do país, oferecendo um elenco vasto de condições necessárias à gênese industrial brasileira. (Silva, 1980)

Entre 1911 e 1912 foi iniciado, no município de Nova Friburgo, o processo de industrialização que, utilizando o trabalho alemão, mostrou-se decisivo para a evolução urbana da cidade.

[A posição serrana favorável à implantação de indústrias (abundância de água e energia; a relação com os mercados consumidores), além da grande disponibilidade de mão-de-obra, possibilitou que a expansão industrial se desse de forma mais acelerada de modo que, em fins da década de 1920, Nova Friburgo já contava com cinco estabelecimentos industriais.]

As fábricas que lá se desenvolveram localizavam-se em zonas situadas fora da área urbana, isto é, nos altos vales dos rios Santo Antônio, Cônego e mesmo junto a outros afluentes do Bengala, e modificaram a fisionomia e a estrutura urbana de Nova Friburgo.

O surgimento da indústria friburguense se insere no quadro nacional uma vez que todo o Brasil se encontrava em um processo de transição capitalista surgido a partir da economia cafeeira. O Brasil gradativamente tomava parte do modelo capitalista internacional de desenvolvimento e não somente suas principais cidades, Rio de Janeiro e São Paulo, foram assinaladas por este processo, mas também muitas outras cidades de médio porte, ainda que em escala e magnitude diferenciadas. [A proximidade de Nova Friburgo com a Capital Federal é, certamente, um fator de maior relevância para a compreensão da origem das indústrias friburguenses, pois ela garantiu a facilidade de aquisição das matérias-primas necessárias e o consumo para seus produtos. (Fischer, 1986)]

Já as origens do capital industrial friburguense podem ser encontradas:

- na dinâmica imposta às novas atividades urbanas, em função da expansão cafeeira na região, especialmente no Cantagalo;
- na penetração do capital europeu, principalmente alemão, buscando aqui possibilidades de investimentos mais lucrativos e seguros.

Outro fator que pode ser destacado para explicar o surto industrial de Nova Friburgo no início do século XX reside no desenvolvimento do Rio de Janeiro como pólo econômico e não mais apenas centro administrativo do Estado, o que favoreceu a integração de Nova Friburgo à dinâmica econômica regional.

[Além disso, mesmo possuindo os limites entre o núcleo urbano e o espaço rural bem estabelecidos, as características provincianas de Nova Friburgo acabaram assegurando a utilização dos novos operários sem que estes se desligassem imediatamente de suas origens agrárias.]

Como exemplo das fábricas que se instalaram ali temos a fábrica de queijos, herança dos imigrantes suíços; a Filó, atual Triumph, Vilela ou Sininbu e a metalúrgica Hage, esta última instalada na estrada para Cantagalo. Para atender à demanda de tais fábricas, a mão-de-obra veio de municípios próximos, como Duas Barras, Cantagalo e Bom Jardim.

Gradativamente ocorreu aqui um incremento nas atividades do setor urbano, o que comprova uma maior incorporação da mão-de-obra assalariada. Tal panorama resultou em reflexos imediatos para o mercado interno, especialmente no que se refere à qualidade e aos produtos de consumo imediato.

[Nova Friburgo representa, já há algum tempo, um importante papel na economia fluminense, não só no setor secundário, mas principalmente no de turismo.] A incompatibilidade entre estes dois setores em desenvolvimento levou Nova Friburgo a buscar novos espaços que possibilitassem dar continuidade ao desenvolvimento da cidade. O setor secundário friburguense necessitava de amplas áreas, próximas ao 1º Distrito, e de preferência baratas. As opções existentes para instalação do distrito industrial eram o distrito de Campo do Coelho, situado na rodovia que liga Nova Friburgo a Teresópolis, e o de Conselheiro Paulino, área que foi de fato escolhida pelos empresários para os investimentos industriais em virtude das vias de acesso que

uniam este município a Nova Friburgo, a saber: Avenida Nossa Senhora do Amparo e Avenida dos Ferroviários, ambas existentes até hoje e conservando ainda o mesmo nome.

A região de Conselheiro Paulino já se encontra tomada por fábricas ou por estabelecimentos do comércio local. Assim, restam como única opção de ocupação as diversas encostas que cercam o vale.

A partir de tudo isso, verifica-se ao longo do período destacado uma expressiva mudança do perfil econômico e social da população de Nova Friburgo (Miranda, 1981). As atividades tipicamente agrícolas cedem espaço à indústria e à lógica urbana, que gradativamente começa a perpassar as diversas relações sociais, impregnando a região com novos traços e gerando uma nova identidade. Ao longo do século XX podemos perceber o crescimento de determinados setores da economia friburguense, que nos permite atribuir um novo perfil à cidade de Nova Friburgo, onde cada vez mais os setores industrial e de serviços vêm ganhando um papel de destaque, como verificado na tabela a seguir:

POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA - 1950-1980 - NOVA FRIBURGO

SETORES	1950		1960		1970		1980	
	Absoluto	(%)	Absoluto	(%)	Absoluto	(%)	Absoluto	(%)
AGRÍCOLA	6633	41,5	6624	30,0	6634	21,0	4825	10,2
INDUSTRIAL	3651	23,0	5993	27,0	9279	31,0	18234	38,6
OUTROS	5701	35,5	9515	43,0	14474	48,0	24224	51,2
TOTAL	15985	100,0	22132	100,0	30087	100,0	47375	100,0

Fonte: Censos Demográficos 1950, 1960, 1970 e 1980 - IBGE

O que se constata, a partir dos dados contidos na tabela, é que o município de Nova Friburgo tem vivido um rearranjo em seus setores produtivos, especialmente a partir da década de 1950, com o expressivo crescimento do setor de serviços em relação aos demais. A crescente importância do turismo e das atividades de veraneio na região, nas últimas décadas, reafirma os dados apresentados pelo IBGE, além de indicar os novos rumos do desenvolvimento friburguense.

3 - OS DIVERSOS DISTRITOS E SUAS CARACTERÍSTICAS

Até 1839, só havia em Nova Friburgo o distrito da sede. Os demais distritos foram surgindo à medida que suas vilas passavam a adquirir maior importância política. Podemos compreender hoje, em Nova Friburgo, sete diferentes distritos que compõem o município. O primeiro, mais complexo e populoso, é o da cidade de Nova Friburgo. Segundo estimativas de 1991, nele se concentram cerca de 111.055 habitantes.

Neste núcleo teve início o processo de transformação econômica, com a implantação das primeiras fábricas de origem alemã. Hoje, as cinco maiores fábricas na região, no que se refere à geração de empregos, são as fábricas Filó, Hage, de Rendas ARP, YPU e a Mitroplast.

É também neste distrito que se situa o principal centro comercial e administrativo, que conta ainda com a presença de agradáveis bairros residenciais e no qual ocorreu o maior desenvolvimento urbano em relação aos demais distritos, muito em virtude de ser o distrito mais antigo e ter recebido no início do século um maciço investimento de capitais estrangeiros (Cadernos Culturais, 1988).

vestimento de capitais estrangeiros (Cadernos Culturais, 1988).

O segundo distrito, Rio Grandina, é formado por terras desmembradas do primeiro distrito que anteriormente atendia pelo nome de Estação do Rio Grande.

Sua população, em 1991, era de cerca de 7.379 habitantes. Durante a década de 1980, a grande maioria dessa população trabalhava no primeiro distrito, Nova Friburgo, o que conferia a Rio Grandina o caráter de Distrito Dormitório. São cultivados na área rural tomates, cenoura, lima, caqui, pimentão, abacate, vagem, além da floricultura para exportação. (Cadernos Culturais, 1988)

O terceiro distrito, criado em 25/01/1924, com o nome "Distrito de Terras Frias", em virtu-

de de suas características climáticas, passou a ser chamado de Distrito do Campo do Coelho a partir de 15/12/1938. Sua população era, em 1991, de 9.206 habitantes. A extensa produção da região constitui-se de gêneros como vagem, couve-flor, repolho, tomate, dentre outros gêneros. (Cadernos Culturais, 1988)

O quarto distrito é o de Amparo, outrora pertencente ao município de São José do Ribeirão, hoje Bom Jardim, teve seu nome modificado para Refúgio em 15/ 12/1938, voltando a se chamar Amparo em 06/04/1953. Sua população, estimada em 1991, é de 5.903 habitantes. Pequenos sítios ocupam o território rural com a finalidade de produção e lazer. Destacam-se aqui gêneros como batata-doce, tomate, pimentão, e fruticultura. (Cadernos Culturais, 1988)

O mais extenso de todo o município é o distrito de Lumiar. A população deste 5º distrito chega a 5.140 pessoas. Dos distritos atuais, Lumiar foi o primeiro a ser criado. Sua trajetória é notadamente marcada por divergências políticas com o distrito de São Pedro da Serra, principalmente no que se refere à hegemonia na região.

O acesso difícil e a eletrificação tardia levaram a uma urbanização também demorada da região, que permaneceu com sua estrutura social intacta por muitos anos (a eletricidade só chegou a Lumiar em 1985).

É este distrito justamente que conta com o maior número de descendentes suíços. Pequenas propriedades são encontradas aqui cultivando gêneros como inhame, batata, feijão e aipim (Cadernos Culturais, 1988).

Conselheiro Paulino é o sexto distrito da região. Sua a população é a que mais cresce em termos percentuais na região atualmente, chegando, em 1991, ao total de 25.877 pessoas. Neste distrito existe uma grande concentração de fábricas e indústrias, o que reserva à pequena agricultura da localidade um papel secundário (Cadernos Culturais, 1988).

O sétimo e último distrito é o de São Pedro da Serra. Devido ao seu caráter autônomo, esta localidade tem se desenvolvido enormemente nas últimas décadas, principalmente em virtude da atuação da construção civil, que tem significado um importante agente no processo de urbanização da localidade, o que, aliado ao caráter turístico da área, acabou por atrair cada vez mais pessoas para as várias casas de veraneio agora existentes no distrito.

A agricultura não se constitui em atividade representativa, cumprindo o papel apenas de atender à demanda da população local que, apesar disso, ainda precisa comprar certos gêneros em Nova Friburgo (Cadernos Culturais, 1988).

É importante destacar que atividades turísticas, como estas fortemente presentes em São Pedro da Serra, têm se tornado cada vez mais comuns em todo o município de Nova Friburgo. Assim, mesmo que tais práticas se desenvolvam com uma intensidade diferenciada de acordo com a localidade, elas acabam imprimindo uma reconfiguração significativa de toda a dinâmica social e econômica da Região Serrana Fluminense.

A partir disso, comprovamos, segundo dados estatísticos, o desenvolvimento do município de Nova Friburgo ao longo destas duas últimas décadas.

A partir disso, podemos perceber que, apesar da retração vivida pelo processo de urbanização no início da década de 1990, ao longo das últimas três décadas, o que se constata é um avanço crescente do processo de urbanização do município de Nova Friburgo.

Além disso, muitas localidades no interior do município são consideradas como rurais mesmo tendo desenvolvido atividades que se consolidaram como tipicamente urbanas. Isso se deve ao fato destas áreas pagarem ainda o Imposto Territorial Rural (ITR), parâmetro segundo qual o IBGE classifica as áreas como rurais ou urbanas.

DADOS REFERENTES À POPULAÇÃO TOTAL RESIDENTE DE NOVA FRIBURGO NOS RESPECTIVOS ANOS

1980	123.370
1991	167.081
1996	169.246

FONTE: IBGE:Censo Demográfico de 1980 e 1991, Contagem da População 1996.

POPULAÇÃO TOTAL RESIDENTE DE NOVA FRIBURGO – RJ DISTRIBUÍDA SEGUNDO ÁREAS

	URBANA	RURAL
1980	107.126	16.244
1991	144.354	22.727
1996	146.779	22.467

FONTE: IBGE:Censo Demográfico de 1980 e 1991, Contagem da População 1996.

TAXA DE URBANIZAÇÃO (%) DA POPULAÇÃO RESIDENTE EM NOVA FRIBURGO - RJ

1980	86,83%
1991	86,40%
1996	86,73%

FONTE: IBGE:Censo Demográfico de 1980 e 1991, Contagem da População 1996.

85

Sendo assim, caso estes espaços estivessem sendo tratados de forma correta, isto é, como áreas urbanas, os índices de urbanização seriam ainda mais expressivos.

Para melhor compreender e comprovar o desenvolvimento ocorrido na dinâmica de cada um dos sete distritos existentes em Nova Friburgo, podemos nos valer também de seus índices populacionais. É importante destacar, entretanto, que, em 1980, São Pedro da Serra ainda não havia sido elevado a categoria de distrito.

DADOS DE POPULAÇÃO REFERENTES A CADA DISTRITO DE NOVA FRIBURGO NOS RESPECTIVOS ANOS

Distrito	1980	1991
Amparo	3.742	5.903
Campo do Coelho	5.921	9.206
Conselheiro Paulino	15.261	25.877
Lumiar	5.523	5.140
Nova Friburgo	88.872	111.055
Rio Grandina	4.051	7.379
São Pedro da Serra	—	2.521

FONTE: IBGE: Censo Demográfico de 1980 e 1991.

4 - TURISMO E PLURIATIVIDADE NA NOVA FRIBURGO DE HOJE: UMA NOVA DINÂMICA SOCIAL

[A evolução do turismo em Nova Friburgo encontra-se intimamente vinculada ao asfaltamento da estrada que liga o município ao Rio de Janeiro. As condições climáticas favoráveis e o encurtamento das distâncias passaram a figurar como atrativo fundamental para o desenvolvimento do potencial turístico da região.]

O rompimento do caráter predominantemente agrícola, antes vigente em Nova Friburgo, o desenvolvimento de outras atividades como o setor industrial e, posteriormente, o crescimento de pousadas e casas de veraneio caracterizam um fenômeno hoje bastante comum no espaço rural brasileiro e que já data de muito tempo: a íntima relação entre atividades rurais agrícolas e não-agrícolas. Em outras palavras, cada vez mais assistimos ao surgimento de um “novo rural”, onde atividades tipicamente urbanas e práticas rotineiramente reconhecidas como rurais convivem e relacionam-se impondo uma nova identidade ao campo brasileiro.

Uma vez que a lógica de produção no campo passou também a obedecer a direção, forma e ritmo imposta pela produção industrial, o outrora trabalhador “rural” se viu desfavorecido, sendo obrigado a buscar alternativas que atendessem sua demanda de renda.

Nova Friburgo não se encontra em desacordo com esta lógica, já sendo possível verificar neste município traços marcantes que comprovam um novo arranjo espacial da população a partir das novas práticas econômicas por eles desenvolvidas.

[Na ocorrência deste fenômeno em que há uma diminuição do peso das atividades agrícolas no emprego e na renda das pessoas e famílias “rurais”, assistimos ao desenvolvimento dos chamados “empregos múltiplos” e fontes de rendas diversificadas que buscam justamente atender uma nova demanda não só de renda, mas também de empregos.] Como afirma José Graziano: “A plu-

riatividade (...) é consequência desse esforço de diversificação dos pequenos produtores para se inserirem nos novos locais que se abrem” (Silva, 1997, p.117).

Entretanto, é importante distinguir as características de cada uma das modalidades de trabalho estabelecidas a partir de então. São estes: o trabalhador em tempo parcial, o trabalhador pluriativo e a unidade familiar pluriativa.

O trabalhador em tempo parcial é aquele que se dedica à agricultura de forma não integral, isto é, nem todo o seu tempo útil é voltado para a agricultura, pois “o tempo parcial em uma atividade (agricultura por exemplo) é condição necessária para poder se dedicar a outras atividades, mas não é suficiente e nem sinônimo de pluriatividade.” (Kageyama, 1988, p.43)

Já o trabalhador pluriativo é aquele que dedica o restante do seu tempo a uma segunda atividade que não a agrícola. É importante diferenciar aqui que o trabalhador de meia-temperada, por não possuir vínculo algum, não pode ser considerado como um trabalhador pluriativo, ou mesmo de tempo parcial. O trabalhador pluriativo é necessariamente aquele que desenvolve uma outra atividade distinta da agricultura.

✓ Na unidade familiar pluriativa, modelo no qual se enquadram os trabalhadores agrícolas da região serrana de Nova Friburgo, cada integrante da família desempenha uma função distinta. Atualmente, o quadro verificado retrata, na grande maioria das vezes, pais que ainda trabalham como agricultores, e filhos que desempenham outras funções (ligadas nesse caso especificamente e principalmente ao turismo ou serviços).

Podemos perceber que essa nova funcionalidade acaba por imprimir também uma nova dinâmica social e econômica à região, favorecendo cada vez mais, devido aos seu caráter plural, o desenvolvimento do setor turístico e de veraneio que é certamente, hoje, a principal atividade de toda a região serrana.

Desta maneira, fora as vantagens climáticas da região, Nova Friburgo agrega hoje um con-

junto de vantagens decorrentes de sua ocupação e de seu processo histórico de desenvolvimento, somando as funções de centro industrial, zona de produção agrícola e, principalmente, de pólo turístico em desenvolvimento crescente.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o conjunto de transformações vivenciadas pela cidade de Nova Friburgo ao longo dos séculos XIX e XX, verificamos um gradativo rompimento deste município com suas características pretéritas, isto é, predominantemente rurais, estando seu desenvolvimento, a partir de então, intimamente associado ao processo de industrialização, e sua configuração vinculada aos moldes de uma cidade capitalista moderna. Para tanto, destacam-se dois elementos fundamentais: a implantação da rede ferroviária e a chegada de empresas industriais alemãs.

Além disso, assistimos, ainda hoje, ao desenvolvimento de um amplo setor de serviços, que tem seu principal expoente na área do turismo e do veraneio: atividades que hoje despontam como fundamentais para a economia da região.

Sendo assim, podemos compreender o município de Nova Friburgo como um espaço em constante transformação, onde os grupos sociais e suas práticas econômicas desenvolvem-se impondo à localidade um identidade muito particular, notadamente assinalada por características que se encontram intimamente associadas ao seu momento histórico.

Desta forma, refletir sobre o espaço friburguense hoje significa, necessariamente, repensar também sua trajetória histórica, para assim poder compreender com clareza como se constituiu toda a pluralidade e dinamicidade que assinalam o quadro sócio-espacial hoje existente neste município serrano.

NOTAS

- * Este primeiro fruto de meu trabalho é dedicado a todos os amigos do NEGEF - UERJ (Núcleo de Estudo

de Geografia Fluminense) e, especialmente, a Eric Moritz de Campos, Fernanda de Oliveira Amante e Marcelo Cosme Lacerda dos Santos, verdadeiros amigos que sempre me incentivaram e me acompanharam nesta incrível jornada do saber geográfico.

- ** Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atualmente encontra-se concluindo o curso de Bacharelado e Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÚRIO, Pedro. *Como Surgiu Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: SEDEGRA, 1974
- FISCHER, C. R. *Uma história em 4 tempos*. Nova Friburgo: Ed. Fab. Rendas Arp, 1986.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DO RIO DE JANEIRO. *Estudos para Planejamento municipal*. Nova Friburgo. Rio de Janeiro, 1977.
- KAGEYAMA, A. & SILVA, J.G. *A Dinâmica da agricultura Brasileira: Do Complexo Rural aos Complexos Agroindustriais*. Campinas: s/n, 1987.
- KELLER, Elza Coelho de Sousa. A Zona Rural de Nova Friburgo, relatório da equipe de Geografia Rural. *Anais da AGB*. vol. V, tomo II, 1950 -1, SP, 1958.
- MARTINE, George. A trajetória da Modernização Agrícola: A quem beneficia? *Lua Nova* - Revista de Cultura e Política, n. 23. Marco Zero, Março de 91.
- MIRANDA, Gírlan. *A Caminhada de uma cidade livre*. Nova Friburgo. Nova Friburgo: Ed. Nova Friburgo, SESC, 1981.
- NICOULIN, Martin. *A Gênese de Nova Friburgo - Emigração e colonização Suíça no Brasil (1817- 1827)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995. p. 367
- Prefeitura de Nova Friburgo. Secretaria de Educação e Cultura. *Nova Friburgo: Notas e Informações*. Vol. 02 – Cadernos de Cultura série 1 – Nova Friburgo: Depto. De Cultura Pró-Memória – Centro de Documentação Histórica, Outubro de 1988. p. 63
- SILVA, J. G. da. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.
- SILVA, S. *Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil*. São Paulo: Alfa Ômega, 1980.
- SIMONSEN, Roberto C. *Evolução Industrial do Brasil e outros estudos*. São Paulo: Editora Nacional, 1973.
- VALVERDE, O. A fazenda de café escravocrata, no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, 29 (1) jan./ mar. 1967.

ABSTRACT: _____

The main subject of this work is to present a brief historic-geographic review about Nova Friburgo town, on the Região Serrana Fluminense, pointing its historic trajectory and all set of ongoing social-spatial repercussion. Insofar we present Nova Friburgo's history from its foundation as a Swiss colony at XIX century; the set of most significant activities developed there; all new social dynamics resulting from economic exercise linked to tourism

and summering, which has been reflected directly on the spatial organization of the own town.

Insofar, this essay goals to set a large perspective about the economic and social evolution process of Nova Friburgo town, and is intended as a base to elaborate future studies at geographic and historic sciences.

KEYWORDS: _____

Nova Friburgo; Swiss Immigration; Pluriactivities.